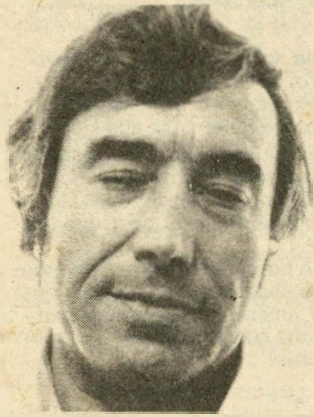


Cardoso Pires na Frente Polisário

“Vi renascer um Povo”



«Teremos toda a morte para dormir», é um dos lemas dos jovens guerrilheiros da Frente Polisário que a 20 de Maio de 1973 lançou a primeira operação libertadora contra a ocupação espanhola. O povo saharauí, composto por várias tribos, com cerca de 800 mil habitantes por território de 286 mil quilómetros quadrados, conquista palmo a palmo, «areia a areia», em raides imprevisíveis mas eficazes, o território, o seu território que a monarquia feudal de Hassan II reivindicava.

A 27 de Fevereiro em pleno deserto, algures em zona libertada, era fundada a República Árabe Saharaui Democrática (RASD).

Quatro anos depois, e em nome da Presidência do Movimento Mundial para a Paz, José Cardoso Pires foi um dos «honoráveis convidados» da Frente Polisário para as comemorações, também este ano «algures no coração do Sahara».

O nosso redactor Rogério Rodrigues que em 1978 estivera presente a idênticas comemorações, mediante um convite endereçado ao «Diário de Lisboa» pela Frente Polisário, entrevistou José Cardoso Pires.

R. R. — Em 1975, o rei Hassan II do Marrocos garantiu que a ocupação militar do Sara Ocidental se realizaria em poucos dias. Tratava-se da chamada «Marcha Verde». Algumas agências noticiosas garantiam que as tropas de Hassan II «só teriam de enfrentar a resistência do deserto e de tribos nómadas dispersas, armadas pela Argélia». Cinco anos depois, 45 por cento do orçamento de Marrocos é dedicado à guerra. Quando estive no Sahara pude conversar com prisioneiros marroquinos. Perguntei a um jovem: «Não gostava de regressar a Marrocos?» E ele respondeu-me: «Tanto se me dá. Aqui ou em Marrocos...» O que foi encontrar dois anos após?

J. C. P. — Um acampamento de guerrilheiros que ficava na zona de El Hamra pude ver alguns prisioneiros marroquinos. Alguns — muito poucos — tinham sido recrutados na Marcha Verde. Eram, na maioria, jovens desempregados. A moral dos prisioneiros era extremamente baixa. Mesmo nos oficiais com quem falei. Pensavam numa guerra relâmpago. Neste momento os marroquinos não põem o pé no deserto. Fazem tudo de avião. Já perderam o deserto. Em contrapartida, a tropa da guerrilha vive fundamentalmente duma grande moral política. A sua grande arma é o conhecimento da terra e a sua organização.

MARX MAOMETIZADO

R. R. — Quando cheguei, ao cabo de algumas horas de Land Rover pelo deserto, ao acampamento das comemorações tinha começado o desfile. Deram-me um turbante amarelo para proteger o rosto das areias. Alguns velhos guerrilheiros montavam camelos. Adolescentes de 13 e 14 anos, marciais na sua farda cor de azeitona faziam sincronizados maneios de armas automáticas. O desfile de armamento que ia do tempo da Grande Guerra ao sofisticado de hoje era aplaudido com gritos guturais das (lindas) mulheres saharauis que de rosto descoberto saudavam os heróis. Como viu agora a manifestação de força dos Polisários?

J. C. P. — Desfilaram cerca de 200 veículos, desde o Land Rover ao material bélico mais moderno. Uma grande parte do material que apresentaram na parada tinha sido recuperado ao inimigo.

R. R. — Sayed el Ouali, foi o primeiro secretário-geral da Frente Polisário. Jovem guer-

reiro, pertence hoje à lenda. Morreu em combate em 1973. Desde a então a luta tem crescido. O que é que mais o impressionou neste povo?

J. C. P. — De tudo o que mais me impressionou, ao nível de guerrilha, foi a juventude daquele exército. Muitos dos combatentes, eram indivíduos que tinham andado a estudar na Europa, sobretudo em Madrid e Genebra. Via-se que tinham um grande apego àquela vida e que a sua adesão era muito profunda.

R. R. — Como é que menos de um milhão de pessoas, no deserto, pode prosseguir vitoriosamente uma luta que já se arrasta há sete anos contra forças com maior poder bélico e armamento mais sofisticado?

J. C. P. — É possível se nos lembrarmos que para além da força dos jovens polisários, se desenvolveu uma grande solidariedade internacional. São já 36 países, entre os quais alguns da América Latina, e a ONU que reconhecem o direito à independência da RASD. E os argelinos que pretendem uma passagem para o Atlântico. Assim como estão a fazer pipe-íenes com portugueses no seu território em direcção ao Mediterrâneo, pretendem também outra rede, através de território saharauí para o Atlântico.

R. R. — Que tipo de sociedade pretendem construir?

J. C. P. — A política pareceu-me socialista sim, mas essencialmente terceiro-mundista e não alinhada. No deserto, entre beber leite de camela e rezar virado para Meca, há toda uma civilização nova que se está a desenvolver.

R. R. — No entanto, nem tudo será pacífico. Profundos e violentos são os interesses que se jogam na região...

J. C. P. — Um dos problemas mais graves que me foi posto é o do confronto. Uma das hipóteses que a sociedade capitalista está a encarar como salvação da crise é o acelerar de contradições onde os povos estão a assumir a independência. É o caso de África e do Médio Oriente, entre outros. O capitalismo tem uma capacidade extraordinária de absorver as próprias contradições, criando, por exemplo, alternativas caóticas dentro das novas sociedades do Terceiro Mundo, no Golfo Pérsico, etc.

R. R. — O quadro traçado reajusta-se ao povo saharauí?

J. C. P. — Uma explicação prévia: nos domínios da área islâmica é a religião que procura assumir um papel de liderança revolucionária. É visível no Irão e, em menor escala, na Líbia, quanto a mim. Digamos que o poder religioso replanta-se através de uma releitura de Maomé em caracteres marxistas. Ora o que me impressiona no povo saharauí — respondendo à sua pergunta — é que a predominância religiosa não se faz sentir.

E DEPOIS?

R. R. — A independência de facto, a vitória militar, virá por certo, mais tarde ou mais cedo. Mas eu pergunto: e depois?

J. C. P. — A guerra é uma fatalidade de vitória. A grande batalha vai ser depois. O deserto é rico em fosfatos, gás natural, tem uma orla atlântica riquíssima em pesca e possui algum ferro e petróleo. É necessário criar uma nova geração rapidamente. Dedicam já uma atenção especial às crianças que estão a ser educadas todas na base da guerra. Com poucos anos de idade são internadas em acampamentos onde lhes é ministrada, simultaneamente, uma educação militar e escolar. Uma nova geração está a ser preparada para a ocupação.

A MULHER PARTICIPANTE

R. R. — Qual o papel da mulher nesta guerrilha desgastante e prolongada?

J. C. P. — A mulher tem um estatuto multíssimo mais independente do que em outras repúblicas do Norte de África e do Médio Oriente. Naquele quotidiano de guerra, frequen-

temente elas assumem a chefia de comités, além de que, as mais jovens, lutam de armas na mão.

Quando a senhora Soudeyvi subiu à tribuna em nome do governo do Irão a dizer que o seu país reconhecia nesse dia o governo da RASD, começou por dizer: «De acordo com os preceitos do Corão reconhecemos, etc., etc.». Enquanto eu olhava para esta mulher ocidentalizada, escassos metros de mim, a fumar tabaco americano, maquilhada, de fato desportivo e botas de cabedal, parisiense vestindo por Dior, eu não podia deixar de me lembrar de todo um código por que as suas irmãs são tratadas fundamentalmente e lhes infligem castigos corpóreos para a preservação moral dum fanatismo puritano.

R. R. — Esses códigos são assinaláveis na mulher saharauí?

J. C. P. — Não; não se sente qualquer eco — mesmo que longínquo — da posição retrógrada no povo saharauí. O

papel que a mulher assume nesta sociedade como elemento fundamental para a criação de novas gerações, a politização que a mulher tem, a existência do divórcio, por exemplo, as responsabilidades políticas que elas assumem, mesmo em casos em que são analfabetas, na estruturação da rectaguarda e, fundamentalmente, a realidade de se tratar dum povo tão pequeno para uma mobilização tão vasta, colocou a mulher saharauí, logo à partida, num plano que não é, de maneira nenhuma secundário.

Além disso, trata-se dum país dirigido por gente jovem. O seu chefe, tem 33 anos e o seu adjunto, 30. Este traço de juventude reflecte-se imediatamente num comportamento muito mais actualizado.

SOCIALISMO VERTICAL

R. R. — Do seu relato pode-se deprender, sem grande abuso, que estamos perante a constru-

ção de uma sociedade que transplantada para uma civilização e sociedade ocidentais seria, pelo menos, impraticável?

J. C. P. — Eu penso é que os filhos de família da contestação europeia ficariam desiludidos no encontro com esta sociedade que constitui de facto, e por fatalidade imperiosa, um dos raríssimos socialismos na vertical.

Mas, para desgosto deles — penso eu —, o basismo que all vêem é uma demonstração da impossibilidade de soluções paralelas em sociedades que não sejam como aquela já de si indiferenciadas e não poluídas pelas hierarquias ou castas económicas.

R. R. — Em suma: o que representaram para si estes 10 dias no deserto, no seio do povo saharauí?

J. C. P. — Uma experiência única na minha vida, porque poucas pessoas terão a possibilidade de ver renascer um povo e assistir à construção duma Nação.

Aceitamos o desafio dos anos 80

Os anos 80 anunciam-se como anos de crise. Os anos 80 exigem imaginação e eficácia. Nos anos 80 vamos viver com a inflação. As vozes mais autorizadas do mundo, confirmam essa dura realidade. Em todo o mundo? Não!

Os proprietários dos Apartamentos Turísticos Espaço T, por serem proprietários desses apartamentos, defenderam a tempo o seu dinheiro dos efeitos corrosivos da inflação. Se ainda não defendeu o seu dinheiro da inflação adquirindo os Apartamentos Turísticos Espaço T, não perca oportunidades. Contacte hoje mesmo ESPAÇO T e enfrente com confiança os anos 80.

ESPAÇO T é um departamento Torralta. Os senhores accionistas e investidores da Torralta beneficiam de condições especiais.

OL CORTE E ENVIE HOJE MESMO A ESPAÇO T.

Departamento ESPAÇO T
Torralta - Club Internacional de Férias, SARL
Av. Duque de Loulé, 24 1098 LISBOA CODEX
Telefones 55 44 79 - 55 56 81 - 55 60 31 Telex 16465

Estou interessado em defender o meu dinheiro da inflação. Sem compromisso, quero receber informações, sobre os Apartamentos de Férias ESPAÇO T.

NOME _____

MORADA _____

LOCALIDADE _____ PAIS _____

TELEFONE _____

ESPAÇO T

PUBLICITATL